

ANNE MICHAELS

A câmara de inverno

Tradução

José Rubens Siqueira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto © 2009 by Anne Michaels

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



Canada Council
for the Arts

Conseil des Arts
du Canada

A Companhia das Letras agradece o
apoio do Canada Council for the Arts

Título original

The winter vault

Capa

Flavia Castanheira

Foto de capa

Nino Andrés

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Vaquíria Della Pozza

Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Michaels, Anne

A câmara de inverno / Anne Michaels ; tradução de José
Rubens Siqueira. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : The winter vault

ISBN 978-85-359-1691-1

1. Ficção canadense (Inglês) I. Título.

10-05441

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura canadense em inglês 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Talvez pintássemos nossa pele, com ocre e carvão, muito antes de pintarmos em pedra. De qualquer forma, há quarenta mil anos, deixamos impressões de mãos nas paredes das cavernas de Lascaux, Ardenas, Chauvet.

O pigmento preto usado para pintar os animais em Lascaux era feito de dióxido de manganês e quartzo moído; e quase metade da mistura era fosfato de cálcio. Fosfato de cálcio é produzido esquentando osso a quatrocentos graus Celsius, e moendo depois.

Fazíamos nossas tintas com os ossos dos animais que pintávamos.

Nenhuma imagem esquece a sua origem.

O futuro lança sua sombra no passado. Dessa forma, os primeiros gestos contêm tudo; são uma espécie de mapa. Os primeiros dias de ocupação militar; a concepção de uma criança; sementes e solo.

Tristeza é desejo em sua mais pura destilação. Com o primeiro túmulo, primeira vez que um nome era semeado na terra, a invenção da memória.

Nenhuma palavra esquece a sua origem.

I. LEITO DE RIO

Geradores inundam de luz o templo. Um cenário de horrenda devastação. Corpos foram expostos, membros espalhados em ângulos hediondos. Cada rei foi decapitado, cada pescoço privilegiado cortado com serras manuais de lâmina de diamante, os torsos orgulhosos desmembrados por serras de cadeia, perfurações em linha e corte de arame. As amplas testas de pedra reforçadas por barras de aço e uma argamassa de resina epóxi. Avery via homens desaparecerem na dobra de uma orelha régia, perderem um sapato na narina real, adormecerem à sombra de um beijo imperial.

Os operários trabalhavam oito horas, dividindo o dia em três turnos. À noite, Avery sentava no convés da casa-barco e recalculava a tensão sempre crescente sobre a pedra que restava, reavaliando o critério de cada corte, as zonas de fraqueza e as novas forças de estresse à medida que, tonelada a tonelada, o templo desaparecia.

Mesmo em sua cama no rio, ele via as cabeças decapitadas, os súditos sem membros, empilhados e aplicadamente numera-

dos à luz dos refletores, esperando transporte. Mil e quarenta e dois blocos de arenito, os menores pesando vinte toneladas. O assombroso teto de pedra, onde pássaros voavam entre as estrelas, jazia desmontado, ao ar livre, debaixo das estrelas de verdade, o negrume real além dos refletores tão intenso que parecia se rasgar, como papel molhado. Os operários tinham atacado primeiro a rocha circundante, cem mil metros cúbicos cuidadosamente mapeados, rotulados e removidos por máquinas de ar comprimido. E logo, a construção de colinas artificiais.

Para se livrar do ruído da maquinaria, Avery ouvia o rio correndo junto à cama deles, a cabeça encostada ao casco. Ele imaginava, preso no vento escuro, o hálito constante dos sopradores de vidro na cidade quinhentos quilômetros ao norte, o pregão dos aguadeiros e dos vendedores de refrescos, o guincho do martim-pescador em meio ao farfalhar das palmeiras antigas, cada som evaporando no ar do deserto onde nunca se apagava totalmente.

O Nilo já tinha sido estrangulado em Sadd el Aali e sua magnífica corrente redirecionada antes dali, para aumentar o tráfego de algodão do Delta, para incrementar a produtividade dos moinhos da inimaginavelmente distante Lancashire.

Avery sabia que um rio que foi barrado não é mais o mesmo rio. Nem a mesma margem, tampouco a mesma água.

E, embora o ângulo do nascer do sol dentro do Grande Templo fosse manter-se o mesmo e o mesmo sol fosse entrar no santuário ao amanhecer, Avery sabia que, uma vez que a última pedra do templo fosse cortada e içada para sessenta metros acima, cada bloco recolocado, cada emenda preenchida com areia para que não restasse um só grão de espaço entre os blocos a revelar onde tinham sido cortados, cada rosto real encaixado no lugar, que a perfeição da ilusão, a perfeição em si, seria a traição.

Se fosse possível enganar alguém para acreditar que estava no sítio original, então submerso nas águas da represa, tudo a respeito do templo teria se tornado uma fraude.

E quando, afinal, depois de quatro anos e meio de excesso de trabalho, de doenças causadas pelos extremos de calor e de frio, ou pelo constante terror do erro de cálculo, quando ele finalmente se visse ao lado dos ministros da Cultura, dos cinquenta embaixadores, de seus colegas engenheiros e de dezessete mil operários boquiabertos diante de sua obra, ele temia que pudesse ter um colapso, não de triunfo nem de exaustão, mas de vergonha.

Só sua esposa compreendia: que de alguma forma o sagrado estava escapando sob as furadeiras, bombeado pela contínua remoção da água do solo, logo estaria esmagado debaixo das imensas abóbadas de cimento; que, quando Abu Simbel estivesse finalmente reerguido, não seria mais um templo.

O rio corria, lento e vivo, pela areia, uma veia azul ao longo de um antebraço pálido, fluindo do pulso para o cotovelo. A mesa de Avery ficava no convés; quando ele trabalhava até tarde, Jean acordava e vinha até ele. Avery se levantava e ela não soltava, pendurada em seu próprio abraço.

— Me calcule — ela dizia.

Ao anoitecer, a luz era uma poeira fina, um pó dourado assentando na superfície do Nilo. Quando Avery tirou suas tintas da caixa de madeira, grossos pedaços de aquarela sólida, sua esposa se deitou no convés ainda quente. Cerimoniosamente, ele afastou dos ombros dela a camisa de algodão, notando a cada momento o aprofundamento da cor: arenito, terracota, ocre. Um relance das faixas brancas sob as alças, os ovais pálidos como umidade sob pedras, intocados pelo sol. A palidez secreta

que ele depois tocaria no escuro. Então Jean despiu as mangas dos braços e virou de lado, de costas para ele, na luz veludosa. A luminosidade da escuridão, mais noite que dia.

Avery debruçou-se na beirada, mergulhou a xícara no rio, depois colocou o círculo de água a seu lado. Escolheu uma cor e deixou que penetrasse no pelo macio do pincel, dissolvida na água do rio. Delicadamente depositou a tinta toda nas costas fortes de Jean. Às vezes ele pintava a cena diante deles, a margem do rio, o trabalho nas ruínas que não parava nunca, a pilha cada vez mais alta de fisiognomia em pedra. Às vezes pintava de memória, os montes Chiltern, até sentir o cheiro do sabonete de lavanda de sua mãe no calor que se apagava. Pintava, a começar da infância, até ser de novo homem grande. Então, quase no momento de terminar, mergulhava de novo a xícara no rio e com água limpa passava o pincel pelos campos, pelas árvores, até a cena se dissolver, lavada da pele dela. Alguma tinta ficava em seus poros, até ela tomar banho, o rio egípcio recebendo a última terra de Buckinghamshire na dissolução de seu abraço. Claro que Jean nunca via sua paisagem e, cega, tinha a liberdade de imaginar a cena que quisesse. Ele viria a pensar no langor de sua mulher durante essa hora de crepúsculo, de cada crepúsculo daqueles meses de 1964, como uma espécie de presente de casamento para ele; e ela, por sua vez, sentia-se aberta sob o pincel, como se ele estivesse traçando um fluxo sob sua pele. Naquela hora do crepúsculo, cada um dava ao outro uma paisagem secreta. Em cada uma, abria-se uma nova privacidade. Em cada anoitecer daquele primeiro ano de seu casamento, Avery contemplou Buckinghamshire, o cheiro de sua mãe, a distância de tempo entre a úmida floresta de faias e aquele deserto, pontos de forças, fissuras e elasticidade, o mapa de pressão das cúpulas de concreto a serem construídas logo, e a pesada beleza mortal de sua esposa, cujo corpo ele estava apenas começando a

conhecer. Ele pensou no faraó Ramsés, cujo corpo acima dos joelhos tinha recentemente desaparecido e jazia agora espalhado na areia, armazenado numa área separada dos membros de sua esposa e filhas. Passariam muitos meses antes que pudessem ser reunidos, uma família que não se separara durante mais de três mil e duzentos anos.

Ele achava que só o amor ensina a morte a um homem, que é na solidão do amor que aprendemos a nos afogar.

Quando Avery deitava ao lado da esposa, à espera do sono, ouvindo o rio, era como se todo o longo Nilo fosse sua cama. Toda noite ele flutuava para Alexandria, através do delta de tamariz, passando por *dahabiyahs* isoladas, com as velas soltas, atracadas às margens. Toda noite, antes de dormir, para dissipar as equações e gráficos do dia, ele fazia essa jornada na mente. Às vezes, se Jean estava acordada, ele narrava a viagem até sentir que ela deslizava para aquele estado próximo do sono em que a gente acha que está acordado e não ouve nada. Mas Avery continuava a sussurrar para ela mesmo assim, elaborando a viagem com centenas de detalhes, em gratidão pelo peso da coxa dela em cima da dele. O rio, ele sentia, escutava cada palavra, absorvia cada suspiro em si mesmo, até estar cheio de sonho, inchado com o último alento de reis, com a respiração pesada dos operários de três mil anos antes até aquele exato momento. Ele falava do rio e ouvia o rio, a mão em cima de sua mulher no lugar que o filho deles um dia a abriria, onde a boca dele já falara tantas vezes com ela, como se ele pudesse passar o nome da criança de sua boca para o corpo dela. Rebeca, Cleópatra, Sara, e todas as mulheres do deserto que sabiam o valor da água.

Enquanto ele pintava suas costas, Jean se lembrou da primeira vez, num cinema em Morrisburg, que sentaram juntos no